

21-10-1983, Jornal de Notícias, Porto

BIBLIOTECA MUNICIPAL MANUEL DE BOAVENTURA - ESPOSENDE

REVISTA DE IMPRENSA Publicação Jornal de Notícias  
Local Porto Data 25/07/83 Série \_\_\_\_\_ N.º \_\_\_\_\_

## Nos desdobráveis é paraíso

# ESTÂNCIA TURÍSTICA DE OFIR EM PERMANENTE DEGRADAÇÃO

Texto de JORGE CORDEIRO. Fotos de MARCO

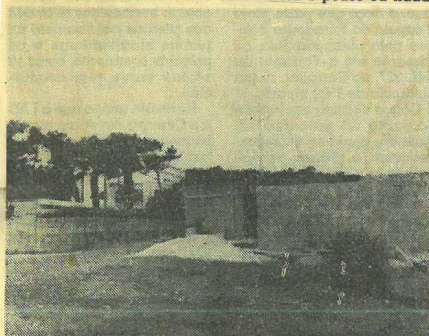
Em Fão fica Ofir. Praia, pinhal marítimo, restinga, estuário. Com estas condições de admirar seria não fosse estância turística. «Paraíso» segundo os desdobráveis. De facto pode aqui falar-se de Turismo, a mítica máquina de fazer dinheiro.

Fez-se muita coisa nesse sentido em Ofir. Pode fazer-se mais sem prejuízo do meio ambiente. Actualmente a estância oferece cerca de 800 camas e boas condições para férias. De repouso.

Insistimos — Férias de repouso. Nada de agitação mundana tipo Albufeira ou Benidorm. Em Ofir o turista procura o sossego, a fruição de um espaço calmo e atraente, o ar lavado do mar, algum recolhimento.

Mas Ofir, que já foi assim,

está a sé-lo cada vez menos e cada vez mais é o que não deveria ser: invasão do ruído, do lixo, da ocupação selvagem, do vandalismo, em suma, desrespeito e deseducação. A estância perde qualidades, degrada-se, torna-se feia e pouco ou nada



Logo à entrada, junto a um hotel, uma machamba de churrascos confeccionados (pele que se viu) com todos os cuidados higiénicos. Um pormenor feio entre muitos outros.

apetível. E lá se vai a mítica máquina de fazer coras, libras, fancos, marcos.

Suponha-se o leitor na pele de um turista vindo das Europas para um ripanço lusitano. Leu num desdobrável maravilhas e maravilhas sobre Ofir. Uma espécie de oásis (o nome é bíblico, do tempo de Salomão) para amorenar e iodar o corpo. Um denso pinhal de atmosfera perfumada, piscinas, hotéis e estalagem, gastronomia apetitosa, orla de mar óptima para o «surf» e o «windsurf», um belíssimo estuário. Não longe de cidades, perto da fronteira com outro país. Adjectivação superlativa à brava (aquí para nós merecedora, se...). Preços muito convidativos. Sim senhor! É para lá que eu vou a fugir ao bulício. Só ou acompanhado.

Chega a Ofir e a coisa não é bem assim. Afinal...

### ● Banhar os turistas com nuvens de pó

Afinal, vira na ponte (entra em primeira, passa a segunda e deixar rolar o carro nos 35 km/hora) e depara-se-lhe, à esquerda, uma enfiada de blocos habitacionais, ainda não ocupados, feios como casamatas. Do mesmo lado e adiante, um prédio em toco. Do lado direito, mesmo ao pé da ponte, uma extracção industrial de areia. Arrumada, é certo, mas extracção industrial de

areia (m3 = 200\$00/250\$00). Depois e ainda do mesmo lado, surge um hotel. Mas, antes do hotel, vê a lezíria cheia de lindos juncos e com o coberto de relva bravia raspada, pelada e retalhada por caminhos. Logo ao começo encontra uma portentosa construção. Um letreiro anuncia que ela é vocacionada para «sardinha assada e churrasco». O imóvel parece uma toska «machamba de kimbo de mucancala» do Cuito Cuanavale, nos confins sulistas da R. P. de Angola. Perdão — os mucancalas fazem-nas muito melhor e mais limpas. A coisa não tem telhado mas três ou quatro chapas por cima. As paredes são de blocos de areia e uma pitada de cimento. Onde os não ná, há tábuas. As portas e as janelas são uma de cada nação, tudo material de aproveitamento. Ao casebre original, estão a operar-se acrescentos. Não serve de habitação. É um negócio de comes e bebes. Para quem goste, pois a porcaria é medonha. Dentro e ao redor. Tudo aquilo é uma ofensa à vista e ao olfacto. O estabelecimento situa-se em terrenos do domínio público marítimo. Já se tentou tirar dali mas o coriáceo «industrial de hotelaria» goza de protecção ao mais alto nível. Assim como está é o ponto fulcral de uma daquelas «urbanizações» a que os franceses chamavam



«bidonville». Amanhá outro alguém instalará «quitanda» equivalente para vender copos de vinho e farinha frita a armar em patanisca de bacalhau. E assim por diante, tipo Praça de Lisboa, no Porto. Algo de muito típico é português cujo «know-

-how» é exclusivo nacional.

Por trás do hotel situa-se um campo da bola. É um genuíno elemento desportivo. Seis tortos barrotes formam as duas balizas. É tudo. O resto, quem para lá vai dar uns toques, imagine. Os hóspedes do hotel podem deliciar-se com grandes pejeas, bem ao alvor matinal, entrecortadas com berros e

Além dos «rosbergs» há os «nietos» de ocasião montados em motorizadas guinchadoras. Entram na lezíria, dão voltinhas, levantam a roda da frente, exibindo-se.

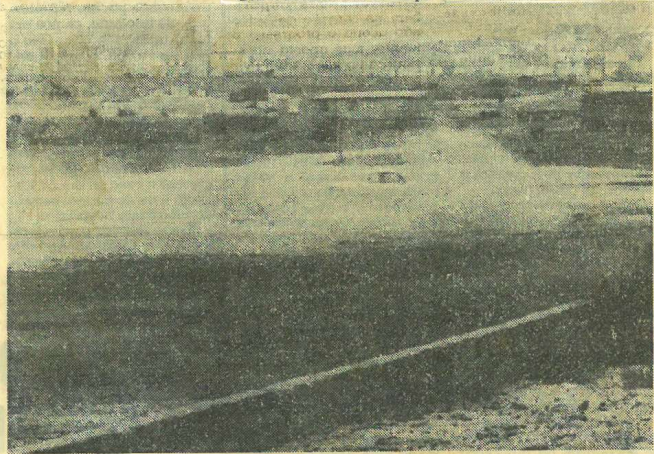
A alternativa para estas proezas encontra-se na avenida. Enquanto a junta não fixar lombas moderadoras da velocidade, vá de acelerar e mostrar que o Nelson Piquet, pffff...

O turista segue pela avenida até à praia. Do lado esquerdo tem outro hotel, muito completo. Acesso à praia é estreito como viela. Em frente do hotel erguem-se três valentes mecos de apartamentos, tipo Playa d'Aro. Levantaram muita po-

### ● Um pinhal com uma lixeira ou uma lixeira com pinhal

Dá de flanco o turista e entra pelo pinheirodo que leva à restinga. Lindas vivendas e bons prefabricados, casas onde o xisto e a madeira se combinam harmoniosamente, tudo envolto e abrigado por pinheiros e outras árvores.

Felizardos, os locatários! Entre moradias há extensos nacos de pinhal aberto, ótimo para piqueniques e sonos de embalo com marulhar do mar ao fundo. Um



No pelado campo da bola, um carro faz piões, levantando nuvens de pó, que vão cobrir o corpo dos hóspedes na piscina do hotel fronteiro.

expressões «Passa a bola ó...». Curioso: o campo da bola transforma-se em autódromo. Há uns «rosbergs» de rua que para ali vão com umas máquinas de 1000 e picos cc fazer piões a qualquer hora do dia ou da noite. Sentem-se realizados em roncar (o carro) e levantar nubes e nuvens de pó que, invariavelmente, invadem a piscina do hotel e vão tombar sobre a água e os corpos dos hóspedes, agradecidos de tais mimos do tempo dos cavernícolas. (O repórter viu um grupo de alemães mal humorados abandonarem a piscina para ir tomar duche ao quarto ante o sorriso amarelo dos empregados).

lémica quando da construção. Argumentou-se com o inestético, a falta de infra-estruturas capazes, a pressão humana exercida sobre o meio, o que provocariam por arrastamento. Pois bem, conforme a tradição... lá estão.

A praia é linda. Mas cheia de pausinhos de sorvete, piriscas, sacos de celofane, embalagens de iogurte, latas de laca, pentes sem dentes, restos de frango e comidas (e outras coisinhas inte-

ressantes) enfim, o mostruário da imundície.

regalo. Felizardos os que para cá vêm!

«Uma ova», dirão os felizardos.

É que muita e muita gente vai de piquenique e o que faz é emporcalhar tudo. Percorre-se a tapada através de caminhos empedrados e fica-se na dúvida se é um pinhal com lixo ou se é uma lixeira com pinhal. Há detritos de toda a qualidade, desde o imponente vestígio orgânico até cascas de batatas. Verifica o turista que por ali passam automóveis, furgões e até camionetas de caixa aberta, quando o racional eram os caminhos estarem condicionados e reservados a pedestres e bicicletas sem motor. Mas mais.

O pinhal é frequentado por matilhas de maifeiros e energúmenos, não se sabendo onde o marginal começa e o imbecil acaba. São os assaltos às moradias e pessoas, o «eldorado» dos drogados, o roubo de automóveis, a perseguição a mulheres e crianças, sabendo, depois, o turista, que andar por ali é perigoso e que mulher não pode andar só pois será convidada, seguida e

mesmo violada caso não vá em grupo e com homens corajosos em escolta. (O repórter ouviu queixas).

Faltam placas sinalizadoras, avisos ao comportamento desmazelado e incívico, falta um plano viário e caixotes para lixo. Faltava policiamento e, ao que parece, já não falta, tantas foram as reclamações e os casos.

Volta o turista à avenida e flecte para o lado sul do pinhal, onde ele é mais extenso. Na Bonança encontra o famoso campismo selvagem e fica a saber como é. Vê casas e vivendas fixadas aqui e ali, mostrando ausência de plano regularizador. Por todo o lado marcas de ocupações precárias (cinzas, sobretudo) algumas bem fundas.

Mas, apesar de tudo, o turista instala-se. À noite, ao deambular pela avenida, assistirá a corridas sem fim. Informa-se onde tomar uma bebida e previnem-no que os locais X, Y e Z + W, além de mau aspecto e serviço, têm esquisita frequência. Se vier à janela, madrugada alta, pode assistir ao apeirejamento dos candeeiros (modalidade em voga) e muitas e muitas coisas mais. O assalto do seu (dele) automóvel, nomeadamente.

#### ● Turismo sim mas sem vândalos

E isso. Como sói dizer-se, Ofir está um bocado entregue à bicharada. Não vai bem com turismo de qualidade posto que turismo é sempre de qualidade ou deve ser. Turista maltratado é turista que não volta. Pior — a terrinha dele dizer cobras e lagartos ao amigo e ao cunhado. E conta pormenores. Nisto de turismo os pormenores têm grande peso. O sujeitinho em questão é geralmente do tipo da-

quele que se instala num hotel, tudo impecável mas, azar do hoteleiro, o lençol da cama tinha uma pequena mancha ou estava «cospido» numa ponta. Pois bem, o sujeitinho vai dizer que o hotel tinha todos os lençóis sujos e puidos. A ocorrência accidental tornou-se em constante diária.

Ofir é uma estância de repouso. À medida de uma modalidade de turismo. Servindo para estrangeiros e nacionais. Era o que faltava Ofir ser reserva para os «estranjas» e grã-finos (nisto de grã-fineza há muito que se lhe diga quanto a princípios elementares de civismo).

Ofir é da gente, seja de Braga, de Lisboa, de Valbom ou da Martingança. É terra portuguesa. É bom ir a ou para Ofir passar umas férias, fazer piquenique, ferrar uma soneca na tapada, apanhar sol, tomar banhos de rio ou mar, passear pelas matas, namorar. Ofir é mesmo bom, apesar de. Para ser bom não pode estar emporcalhada, embaralhada, vandalizada. Mais chamente — abandalhada.

As gentes de Fão são as primeiras a sentirem-se ofendidas e prejudicadas com as depredações que outros para lá levam. Têm todo o direito em reclamar medidas.

Ora as depredações são de dois tipos — as visíveis imediatamente e as mediatamente. Vejamos: porquê a extracção de areias no estuário? Para se fazer um canal? E para quê o canal? Qual a sua verdadeira eficácia? Quem ganha com isso? Então não se pode redimensionar o porto de Esposende de modo a abarcar as frotas pesqueiras de Esposende e Fão? Por que se não desloca o campo da bola para um terreno mais face à estrada e perfeitamente equipado tornando-se um verdadeiro

recinto desportivo? Por que se não deita abaixo a sordida machamba de assados de sardinha e frango com hormonas? Por que se não protege o pinhal, se limpa, se evita o lixo? Por que se não protegem as margens do Cávado, a lezíria dos juncos e as ilhotas onde — nota bucólica — o gado vai pastar atravessando, a nado, o rio? Por que se não regulariza a

urbanização? Por que se não eliminam as fontes de poluição borda-Cávado?

Estas perguntas fez o JN ao eng.º Pedro Marques da C. M. de Esposende, técnico do município. Respostas: a Edilidade sabe tudo isso e pensa resolver os problemas com acções pontuais e através de um documento, o Estudo Prévio, que passará a Plano de Urbanização Fão-Ofir-Ápúlia depois de submetido à «via dolorosa» dos múltiplos departamentos governamentais. No plano prevêem-se abertura de estrada no pinhal perto da EN 109 a fim de eliminar uma

outra e proteger as dunas; terrenos para construção de moradias; áreas para aproveitamentos turísticos («de qualidade», disse o técnico); 10 ha para novo parque de campismo; regulamentação do barraquedo de Cedobém e Pedrinhas; lançamento de infra-estruturas; interdição de áreas que dão suporte ao meio ambiente. Os terrenos do Domínio Público Marítimo não dependem da C. M. de Esposende; neles não pode tocar. Como não pode tomar medidas quanto à poluição do Cávado pois ela gera-se noutras conchilhas.

Enquanto isto, Ofir degrada-se embora tenha as muito citadas «grandes potencialidades turísticas» — fim de citação. Medidas elementares têm que ser tomadas. Quanto ao policiamento essa tarefa é das autoridades (GNR) e por imperativo («pela lei e pela grei») correr dali a manguelada que elegeu Ofir como território.

Num país onde o simples pintar de parede é feito com vistas «à futura integração de Portugal na CEE» bom será que, ali, se pratiquem comportamentos de países da CEE. Haja ou não integração e CEE. Para bem de Fão, Ofir, Esposende, Costa Verde, Portugal. E do Turismo!